

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTAM:

CULTURAS DE PERIFERIA

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura apresentam:
E-book Culturas de Periferia

Copyright© 2017 - Observatório de Favelas

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Agência Abacateiro - Eduardo Vilar

REVISÃO
Jorge Luiz Barbosa
Monique Bezerra da Silva

1. Culturas de Periferia 2. Formação em Produção Cultural 3. Oeste Carioca

Culturas de Periferia / organizadores: Jorge Luiz Barbosa e Monique Bezerra da Silva - Rio de Janeiro:
Observatório de Favelas, 2017

47p. ; il. (color) ;

Prefixo Editorial: 93412
Número ISBN: 978-85-93412-03-5
Título: Culturas de Periferia
Tipo de Suporte: E-BOOK



Patrocínio:



Apoio:



Todos os direitos desta edição reservados ao Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

Rua Teixeira Ribeiro, 535
Parque Maré - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-251

www.observatoriodefavelas.org.br
contato@observatoriodefavelas.org.br



JORGE LUIZ BARBOSA
MONIQUE BEZERRA DA SILVA

ORGANIZADORES



RIO DE JANEIRO 2017

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
O PROCESSO FORMATIVO DO PROJETO CULTURAS DE PERIFERIA	8
CARTOGRAFIAS DA CENA CULTURAL E ARTÍSTICA DOS BAIROS DE BANGU, CAMPO GRANDE, SANTA CRUZ E GUARATIBA	16
O MÉTODO DE ANÁLISE SWOT EM CULTURAS DE PERIFERIA	27
SKAMBAL - TROCAS CULTURAIS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA COMO FORMA DE FOMENTAR A ECONOMIA CRIATIVA LOCAL	35
CULTURAS DE PERIFERIA - A VISÃO DOS ALUNOS	42



APRESENTAÇÃO

Cultura de Periferia é uma publicação originada da parceria do Observatório de Favelas com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Seu propósito maior é apresentar o conjunto de ações de formação, pesquisa e intervenção no campo da produção cultural, realizadas nos bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Para o Observatório de Favelas a produção artístico-cultural é, em suas amplas dimensões, uma força de afirmação das potências dos espaços populares para superar estigmas de violência e os estereótipos de pobreza que os cercam. A valorização da criatividade estética e o reconhecimento de sua riqueza são, portanto, fundamentais para mobilizar ações públicas que promovam direitos fundamentais para seus moradores. Assim, caro leitor, a publicação aqui em relevo busca, acima de tudo, contribuir para formulação e execução de políticas culturais que se confundam com a afirmação da democracia em nossa imensa metrópole chamada de Rio de Janeiro.

A proposta generosa que mobilizou o Observatório de Favelas não seria possível sem a contribuição das organizações locais que abriram suas portas para os nossos docentes, pesquisadores e o público participante das ações de formação intelectual, de investigação de práticas culturais e de intervenções artísticas. Todavia, um agradecimento muito especial deve ser dirigido à Associação Ser Cidadão, cuja sede está localizada em Santa Cruz, entidade que nos apoiou em todas as ações do projeto Culturas de Periferia.

Jorge Luiz Barbosa.
Diretor do Observatório de Favelas

INTRODUÇÃO

Culturas de Periferia é um projeto que abriga ações de formação, intervenção artística e pesquisa cultural nos bairros de Santa Cruz, Bangu, Campo Grande e Guaratiba, localizados na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Estes bairros são, assim como a Zona Oeste, pouco conhecidos em sua diversidade artística e cultural, e geralmente considerados como espaços de carência material e simbólica. Todavia, as narrativas recorrentes sobre a Zona Oeste não condizem com as experiências em realização nesta região da cidade.

O projeto Culturas de Periferia - realizado pelo Observatório de Favelas - identificou diversos espaços dedicados à produção e à difusão de atividades artísticas, culturais e patrimoniais nos bairros que compuseram o seu escopo espacial. Foram também inventariadas diferentes de formas de organização e múltiplos processos de criação que reúnem potências para ampliar os saberes e fazeres no âmbito da produção cultural e artística, destacando-se inclusive o protagonismo de jovens campo da inventividade e fruição estética.

Considerando as potências artísticas e culturais e, sobretudo, a mobilização dos jovens na região da Zona Oeste, nosso Projeto tem como um dos objetivos criar condições de ampliação de repertórios conceituais, metodológicos e técnicos que favorecessem a capacidade de invenção, organização e comunicação da produção artística e cultural por parte dos atores locais. Para tanto, foi realizado um curso de formação com 40 horas aula voltados para formação conceitual e metodológica, associado a experiências práticas de produção cultural que culminaram na realização do festival Skambal – Trocas Culturais, além da realização do Seminário “Economia Criativa: Turismo e Cultura na Zona Oeste do Rio de Janeiro”.

Em paralelo à formação e a experimentação metodologias de produção cultural, também foi realizada uma pesquisa qualitativa com realizadores culturais, sobretudo para o reconhecimento das potências trabalhos em curso e sua contribuição para a formulação de políticas públicas situadas no território.

Esta publicação relata os múltiplos empenhos do Projeto Culturas de Periferia. Seja bem-vindo!



O PROCESSO FORMATIVO DO PROJETO CULTURAS DE PERIFERIA

Monique Bezerra da Silva

Mestre em Engenharia de Produção pela Coppe/UFRJ
Coordenadora Executiva do Projeto Culturas de Periferia

INTRODUÇÃO

A construção de processos formativos ligados ao campo da produção cultural, especificamente para periferias urbanas, emerge juntamente com o fomento da discussão sobre o desenrolar dessa recente área. A necessidade por uma qualificação profissional que abarque as demandas existentes no cenário em questão faz com que tais formações sejam multidisciplinares, aliadas ao uso das mídias sociais, em formato de ensino presencial e semipresencial. Este capítulo tem por objetivo apresentar o processo formativo desenvolvido na primeira edição do Projeto Culturas de Periferia, bem como apontar possíveis caminhos para redesenhar o “modo de fazer” do produtor cultural na periferia urbana. O curso ofereceu 20 vagas para artistas, produtores e universitários residentes ou envolvidos diretamente na produção cultural da Zona Oeste, tendo como sede a Associação Ser Cidadão, em Santa Cruz.

A METODOLOGIA FORMATIVA

A metodologia de formação, de intervenção e de inventários está situada em diferentes conceituações, agenciamentos e práticas de produção, gestão e execução de projetos culturais. Se por um lado está calcada numa reflexão que traz conceitos e metodologias a partir da ação compartilhada entre os sujeitos, também impulsiona a construção de redes colaborativas de produção cultural, criando condições para organização e realização de ações públicas em diferentes linguagens estéticas (dança, música, grafitti, fotografia e vídeo)

Para além de formulações que buscam um enquadramento do mundo social, de modo a desvendar apenas uma série de regularidades, a dimensão que nos interessa, quando lidamos com cultura, é a que leva em conta o caráter da vida cotidiana. Portanto, o trabalho com a cultura precisa considerar a matriz mais ampla de processos com ao qual se vincula; as questões culturais não

podem ser entendidas como sendo destacadas da dimensão material e das realidades objetivas, do mesmo modo como essas últimas dimensões isoladamente não podem ser entendidas como explicativas. É nesse processo que podem ser vistos – como matriz, inscrição e territorialização do mundo social – os diferentes jogos de poder e desigualdade que marcam a cultura no seu desenrolar cotidiano, mas que se mostra de modo mais eloquente na produção cultural sistematizada.

O processo metodológico proposto toma essa dimensão das práticas culturais territorializadas como ponto nevrálgico de atuação, de modo que se pretende não apenas mudar padrões de não compartilhamento de experiências, mas enfatizar o que há de mais significativo em certas práticas culturais. É necessário, contudo, levar em conta que os atores estão sempre posicionados em relações de pertencimento, vivendo e criando arte e cultura em ruas, praças, bares e clubes etc. Com isso, insere-se o mapeamento dessas territorialidades que engendram possibilidades da criação de culturas de convivência, abertas aos diferentes sujeitos e às diferenças de ser no mundo.



Em paralelo a isso, emerge a necessidade por uma qualificação profissional que abrigue as demandas existentes na produção cultural periférica, com um “modo de preparo” multidisciplinar. O Culturas de Periferia surge como um ponto de partida para uma construção de saberes aberta, com o intuito de sistematizar a aplicação de **heurísticas** que são criadas e recriadas a cada instante, dentro do viés da teoria da abordagem efetiva.

Sob a luz da engenharia, entendemos que heurística corresponde a qualquer ato que possa contribuir para a solução de um problema (SILVA, PROENÇA Jr., 2015). Sobre o termo teoria da abordagem efetiva ou *effectuation*, entende-se que a partir de um processo dinâmico e criativo de autoconhecimento, novas ideias são desenvolvidas dentro de um ambiente empreendedor, que traz à tona uma complexidade útil e de grande qualidade para quem o aplica. Em termos práticos, a teoria da abordagem efetiva tem como ponto de partida três perguntas básicas: “quem eu sou, o que eu sei fazer, quem eu conheço?”

Desenvolvido por Saras Sarasvathy¹, a teoria da abordagem efetiva parte das seguintes premissas: 1) **Prática** (*Bird-in-hand*) – Também conhecida como “pássaro na mão”, consiste em utilizar os recursos já existentes, não esperar o cenário ideal. Agir com base no que já existe: “quem eu sou, o que eu sei fazer, quem eu conheço?”; 2) **O Foco ou Perda aceitável** (*Affordable loss*) – Estabelecer perdas aceitáveis, avaliando se a perda é aceitável, ao invés da atratividade pelo ganho previsto; 3) **A Atitude ou Limonada** (*Lemonade*) – Alavancar contingências. “Com um limão faço uma limonada”: abraçar as surpresas que surgem ao decorrer de situações incertas, com resiliência e criatividade, ao invés de permanecer focado somente em metas; 4) **A Estratégia ou Colcha de retalhos** (*Patchwork Quilt*) – Estabelecer parcerias, sem o foco na competitividade e sim na cooperação. 5) **A Lógica** ou seja o piloto (*Pilot-in-the-plane*) - Concentrar-se nas atividades que podem realizar no presente. Não tentam planejar o futuro e sim construí-lo.

Isto posto, se faz necessário voltar ao perfil do produtor cultural e estabelecer uma possível relação com o que foi dito até então. É costumeiro ouvir que o produtor cultural é o profissional que, de maneira inventiva e/ou intuitiva, “soluciona problemas”, “apaga incêndios”, “faz acontecer” etc. Sua atuação com base em seu conhecimento empírico transmitida por diversas gerações se mescla atualmente com a atuação com base em qualificação técnica recente. Esse “modo de preparo” passa por constantes redesenhos, porém não avaliados, muito menos sistematizados

Com base no exposto, procuramos adequar à realidade dos cursistas um conteúdo programático que atenda a relação perfil x demanda. Conforme dito anteriormente, demos um ponto de partida para uma construção de saberes aberta, que se reinventa com o manejo de restrições e recombinação de contingências presentes durante percurso. No que concerne ao conteúdo programático adotado, a formação contou com seis módulos, num total de 100 horas:

Durante o percurso formativo foi possível constatar que a gestão intuitiva, na base da tentativa e erro, ocorre, em geral, em projetos culturais. É comum encontrar artistas e fazedores de cultura

TABELA 1 - EMENTAS DO CURSO

Módulo	Conteúdo
Elaboração, gestão e avaliação de projetos culturais Prof. Monique Bezerra da Silva	A Cultura como conceito e prática social. Métodos e técnicas de elaboração de projetos culturais. Gestão de Projetos: escopo, recursos, objetivos, metas e riscos. Avaliação: construção de indicadores, monitoramento de ações, e avaliação de resultado.
Coletivos, parcerias e redes colaborativas de produção e gestão cultural Prof. Gilberto Viera	A cultura como mobilização de pertencimentos. Experiências de Coletivos de Produção Cultural. Parcerias como intercâmbios para sustentabilidade. Conceitos e experiências de Redes colaborativas de produção cultural.

<p>Empreendedorismo Sociocultural: gestão e inovação</p> <p>Prof. Samera Adães</p>	<p>Empreendedorismo Social e Empreendedorismo Sociocultural. Conceito e práticas solidárias de empreendedorismo. Criatividade para Inovação. Inovações em tecnologias de produção e gestão cultural.</p>
<p>Território, Patrimônio e Memória Cultural</p> <p>Prof. Alex Armenio</p>	<p>A memória como patrimônio do território. A pesquisa de memória em comunidades populares. Inventários de memórias do território.</p>
<p>Culturas Urbanas Populares</p> <p>Prof. Jorge Luiz Barbosa</p>	<p>A multiplicidade da cultura urbana. A pluralidade da cultura nas favelas. Identidade e Diferença no fazer da cultura urbana.</p>
<p>Políticas Públicas de Cultura</p> <p>Prof. Jorge Luiz Barbosa</p>	<p>Reflexão sobre a elaboração de políticas públicas para a área da cultura e os instrumentos de ação sobre tais políticas.</p>

dotados de um conteúdo brilhante, porém sem know-how para atuação gerencial, isto é, com as mínimas condições para administrar processualmente seu projeto cultural. É importante ressaltar que, por mais que se tenha a maior disposição e muita motivação para se realizar um projeto, isso não é o suficiente para realizá-lo com todas as qualificações técnicas necessárias.

No que tange ao campo cultural, é comum ideias serem confundidas com projetos, sem atividades sequenciais que gerem um determinado produto dentro de um espaço de tempo previamente definido. Essa é uma das primeiras e principais dificuldades encontradas, pois um projeto cultural envolve ativos intangíveis, com retorno financeiro com baixa previsibilidade ou até mesmo inexistente.

Para tanto, objetivamos, em primeiro lugar, aplicar técnicas e ferramentas, da elaboração à gestão de um projeto, possibilitando assim a contextualização, a definição do foco e geração de produtos e/ou serviços, a definição de pacotes de trabalhos e suas atividades sequenciais, além de elaborar estimativas em relação ao uso de recursos – materiais e humanos, como também estimular a organização e o pensamento visual, a fim de que as premissas básicas que compõem um projeto, tais como “o que?”, “por quê?”, “para quem?”, “quando?”, “onde?” e “quanto?”, sejam apresentadas de maneira visual com uma estética agradável, a fim de facilitar a compreensão e aceitação pelas partes interessadas. Cabe aqui ressaltar que colocamos como principal premissa a importância de se desenvolver um projeto cultural com qualidade, pois tal documento é o principal elo entre as partes interessadas e envolvidas.

UM POSSÍVEL MODELO PARA ESTRUTURAÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS

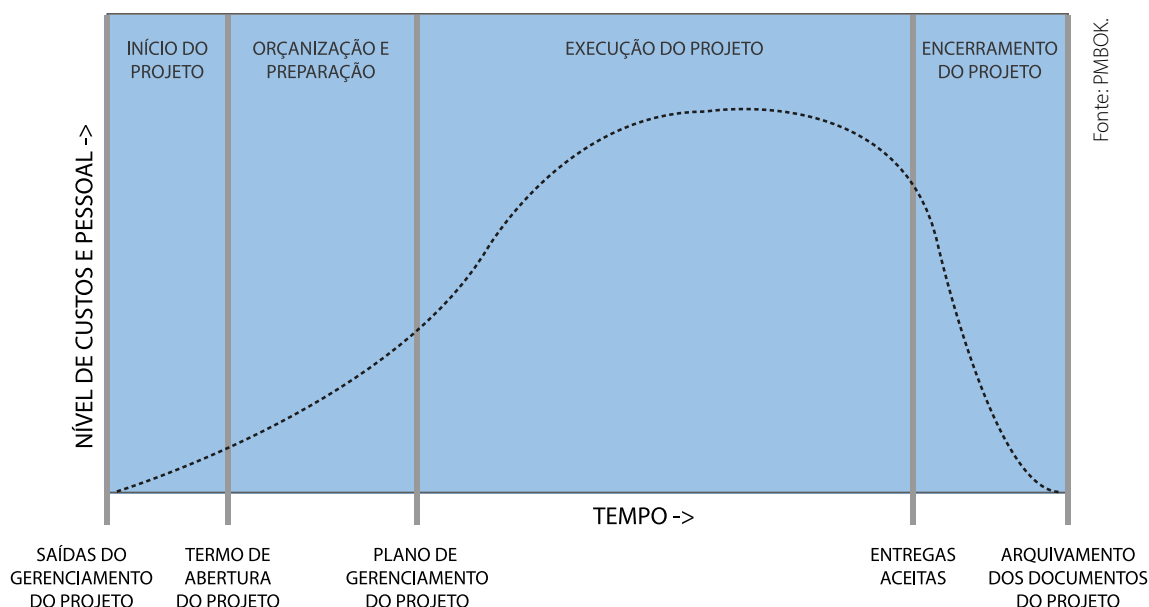
A partir das perguntas apresentadas, compomos abaixo o que seriam as perguntas norteadoras que orientam um produtor a elaborar seu projeto:

FIGURA 2 - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA IDEIA EM PROJETO

Produtor			Projeto						
QUEM EU SOU?	O QUE EU SEI?	QUEM EU CONHEÇO?	O QUE?	POR QUE?	PRA QUEM?	COMO?	QUANDO?	ONDE?	QUANTO?

É possível dizer que o projeto cultural seria equivalente ao plano de negócio do produtor cultural. Porém, atualmente se destaca no campo do empreendedorismo a modelagem de negócios no estilo *Canvas*, como um novo padrão para analisar ideias e colocá-las em prática.

É importante observar que são três produtos distintos (projeto cultural, plano de negócio e *Business Model Canvas*), porém complementares e potentes, caso sejam utilizadas da maneira correta. O *Canvas* é importante para validar uma ideia de negócio e o plano de negócio ajuda a fazer o detalhamento da oportunidade que já foi identificada com o *Canvas*. Já um projeto cultural, possui um ciclo de vida que envolve fatores como escopo, qualidade, cronograma, orçamento, recursos, riscos e seu encerramento em si. Tais ferramentas se fazer necessárias para o produtor cultural pensar para além daquele determinado ciclo de vida de seu projeto, podendo, a partir dele, criar um modelo de negócio, visando a geração de novas produtos e serviços.

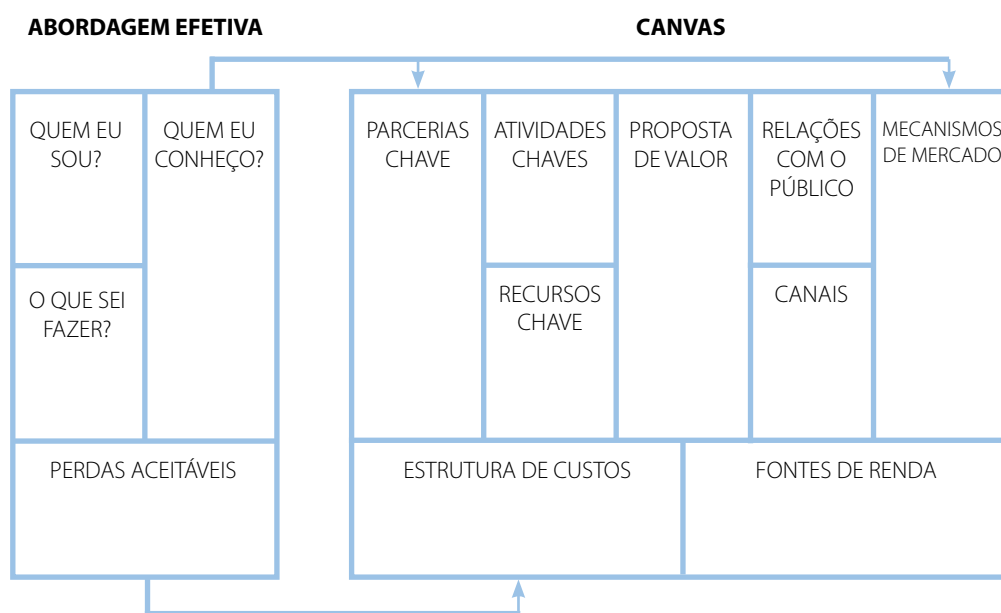


Com tantas especificidades, nosso intuito foi de apresentar as ferramentas e fazer uma provocação em relação ao espírito empreendedor e as potências do território. Como bem sabemos, disputar o campo da produção cultural com Leis de Incentivo à Cultura e editais envolvem uma série de procedimentos. Por conta de restrições orçamentárias e de cronograma do projeto, infelizmente não foi possível um aprofundamento em todas as ferramentas. Porém, todos os cursistas tiveram uma noção mais ampla desse universo até então pouco conhecido na periferia.

Outro ponto importante para ser destacado foi o grande interesse para formalização como Microempreendedor Individual (MEI)². Alguns já possuíam a inscrição, porém não tinham nenhum tipo de conhecimento de como utilizar. Para outros, parecia ser algo bem distante. Portanto, analisamos que o uso da abordagem efetiva se faz necessário para orientar a ação empreendedora, enquanto a modelagem a partir do Canvas ajuda a validar a ideia. Com isso, temos uma ferramenta, que chamamos aqui de modelagem efetiva, que se integra perfeitamente ao regime do MEI.

Abaixo, apresentamos uma representação do que seria a união entre as duas ferramentas utilizadas para orientar nas etapas de geração da ideia ao projeto:

FIGURA 3 - MODELAGEM EFETIVA.



Dessa forma, a partir desse exercício, surgiu a ideia da intervenção territorial como trabalho de conclusão do curso, conforme será abordado no próximo capítulo. Tal intervenção foi uma excelente oportunidade para sair do campo das ideias e entrar em ação, vislumbrando novas possibilidades para além do território.

2. Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Para saber mais, acesse: <http://www.portaldopreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>.

O processo formativo do Projeto Culturas de Periferia surgiu como forma de atender a demanda por uma qualificação profissional existente na produção cultural local. Apesar das limitações de prazo, custo e readequação do escopo do projeto, o Culturas de Periferia iniciou um percurso rumo à construção de saberes abertos, com o intuito de sistematizar a aplicação de heurísticas, dentro do viés da teoria da abordagem efetiva, ou seja, a partir do conhecer a si mesmo e ao seu território, a ideia é validada e modelada, se desdobrando em um projeto cultural.

Conclui-se, portanto, que a teoria da abordagem efetiva é uma ferramenta que contribui para o aperfeiçoamento da produção e da gestão cultural a partir do reconhecimento das potencialidades de si e do território como alavanca para o empreendedorismo.

Por se tratar da primeira edição do projeto, muitos ajustes acontecerão ao decorrer das próximas edições, mas com a certeza de que a inventividade da periferia é uma grande potência a ser conhecida e reconhecida por toda a cidade. s, dentro do viés da teoria da abordagem efetiva, ou seja, a partir do conhecer a si mesmo e ao seu território, a ideia é validada e modelada, se desdobrando em um projeto cultural.

REFERÊNCIAS

BEZERRA DA SILVA, M. Política Cultural Situada: Uma leitura crítica de programas culturais em São Paulo e Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2016.

GONÇALVES, Heloisa H. A. B. Q.; FRIQUES, Manoel S. et al. A Engenharia de Produção na Produção Cultural, na Economia Criativa e na Indústria do Entretenimento. In: OLIVEIRA, Vanderli Fava de. CAVENAGHI, Vagner. MASCULO, Francisco Soares. (org.) Tópicos Emergentes e Desafios Metodológicos em Engenharia de Produção: Casos, Experiências e Proposições - Volume VII. Rio de Janeiro: ABEPRO, 2014.

PEREIRA, I. N. Efeitução situada: redes e empreendedorismo na Rocinha. 2014. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro.

SARASVATHY, S. D. Effectuation: Elements of entrepreneurial expertise. Edward Elgar Publishing, 2009.

THIRY-CHERQUES, H. R. Projetos culturais: técnicas de modelagem. FGV Editora, 2006.



CARTOGRAFIAS DA CENA CULTURAL E ARTÍSTICA DOS BAIROS DE BANGU, CAMPO GRANDE, SANTA CRUZ E GUARATIBA

Jorge Luiz Barbosa

Diretor do Observatório de Favelas
Professor da Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Este capítulo possui o propósito de construir uma cartografia sensível das práticas culturais em um recorte regional configurado no âmbito do Projeto Culturas de Periferia, cuja abrangência geográfica incorporou os bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba. Trata-se de uma unidade composta pelos bairros de que, nas suas diferenças e potências qualitativas, foi tomada como referência para ações de formação, produção e pesquisa cultural. Considerando esta premissa de ordem metodológica constituída no escopo do Projeto Culturas de Periferia, buscamos construir uma análise sintética das realizações artísticas e culturais em curso, assim como identificar possibilidades de consolidação, ampliação e inovação das mesmas na região e na cidade.

PRIMEIRA CARTOGRAFIA: A PERIFERIA COMO RECORTE SIMBÓLICO DISTINTIVO

Inicialmente tomaremos o recorte regional proposto na dinâmica do Rio de Janeiro em sua extensão urbana e na concretude dos bairros que a compõe. Assim, uma primeira identificação deve localizar conjunto de bairros enunciados no que se convencionou denominar de **Zona Oeste**. Uma vasta região que hoje abriga pelo menos 42% da população da cidade e que abrange 60% do território municipal. De um passado agrário dominante, a região experimenta desde a década 1980 uma vigorosa transformação urbana. Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba expressam em suas realidades particulares o processo desigual de urbanização¹, cuja síntese mais comum recebe a denominação de periferia urbana.

1. Mudanças urbanas na Zona Oeste combinaram o crescimento de conjuntos habitacionais à expansão de favelas, a criação de empreendimentos imobiliários para a classe média e a presença loteamentos populares, acrescentando-se ainda os investimentos de empresas industriais e comerciais de maior ou menos porte e, mais recentemente, produção de habitações populares do Programa "Minha Casa Minha".

As periferias urbanas são geralmente definidas como territórios carentes, miseráveis e violentos. Portanto, não são consideradas em suas potências de superação das condições materiais e imateriais das desigualdades sociais. Predominam os estereótipos e estigmas que marcam negativamente todas as experiências de relações sociais, inclusive as culturais. Não é sem surpresa que o senso comum considera que “falta cultura” aos moradores das periferias urbanas. Muitas vezes o fazer cultural das periferias é conhecido e faz até sucesso. Porém, a questão principal é que essas práticas não são reconhecidas como relevantes para sociedade como um todo. E, não raras vezes, tornadas invisíveis na cidade. Aqui reside um recorte territorial discricionário do significado da cultura que precisa ser superado com políticas públicas afeiçoadas ao conjunto de experiências e sujeitos sociais que se fazem presentes na periferia, em particular na região em estudo.

SEGUNDA CARTOGRAFIA: INVENTANDO A CULTURA PARA ENFRENTAR ESTIGMAS

Olhar panorâmico sobre a paisagem cultural de bairros considerados periféricos, obviamente não identificará equipamentos (públicos e privados) de maior porte como Teatros, Cinemas, Casas de Espetáculos, Centro Culturais, Museus e Bibliotecas, sobretudo quando comparados aos localizados no Centro ou mesmo na Zona Sul da cidade. É claro que isto não significa dizer que não há teatro, música, dança, filme, literatura, poesia e festa em bairros da periferia. Embora os equipamentos de qualidade sejam importantes para a experimentação e a fruição da cultura, não se deve ater a presença destes como critério exclusivo da vida cultural da cidade.



Vida”. Por outro lado, a urbanização da região é importante inscrever a sua cena cultural nas condições de transformação metropolitana de seus bairros.

2. A cidade do Rio de Janeiro conta com diversos equipamentos culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, museus, centro culturais,). Destes, apenas 11,5% se encontram na Zona Oeste, que hoje concentra 42 % da população carioca. A geografia das políticas de cultura é também uma expressão da reprodução distinção territorial de direitos em uma cidade.

Há uma imensa riqueza cultural nas periferias urbanas da nossa cidade que não aparece no mapa oficial da distribuição de equipamentos culturais. É este o caso dos bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, localizados na Área de Planejamento 5, como comprova o inventário realizado no âmbito Projeto Oeste Carioca, realizado pelo Observatório de Favelas em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura³, ao registrar 265 instituições e lugares de arte, cultura e patrimônio (ecológico e histórico) que se fazem presentes na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

QUADRO 1 - EINSTITUIÇÕES DE ARTE E CULTURA POR BAIROS DA ZONA OESTE

Bairros	Quantidade	%
Santa Cruz	43	16,23
Campo Grande	39	14,72
Bangu	27	10,19
Guaratiba	24	9,06
Vargem Grande	21	7,92
Barra de Guaratiba	11	4,15
Pedra de Guaratiba	19	7,17
Senador Camará	12	4,53
Realengo	8	3,02
Recreio	8	3,02
Anchieta	7	2,64
Padre Miguel	6	2,26
Vargem Pequena	4	1,51
Inhoaíba	4	1,51
Grumari	3	1,13
Santíssimo	2	0,75
Camorim	2	0,75
Paciência	2	0,75
Campo dos Afonsos	2	0,75
Ricardo de Albuquerque	1	0,38
Outros	5	1,89
Total	265	100

Fonte: Observatório de Favelas, 2016.

3. O Projeto Oeste Carioca foi desenvolvido com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura. Além de pesquisa de espaços culturais na Zona Oeste, o projeto tem criado um Guia Turístico Cultural em impresso e em aplicativo para celulares. Esta cartografia oferece um quadro significativo da produção e da fruição cultural em diferentes linguagens estéticas e dos esforços de preservação e qualificação do patrimônio histórico e ecológico na região.

anças na ponte, sobrado,
na terra da Santa Cruz.

er, livro, pena, facão,
no, negra, vestida em
Busca sentidos. A
ia presentificada nas
ruções. Pedras

hárias que resistem,
m ser lembranças. O
de fotografias que
está a margem.

Ura
mas



É importante registrar que os bairros de Bangu, Santa Cruz, Campo Grande e Guaratiba foram os que mais se destacaram no aludido inventário. Os quatro bairros reunidos alcançaram 134 do conjunto total de instituições e espaços inventariados. Isto demonstra o inegável papel que estes possuem no espaço regional e para cidade como um todo. São Casas de Cultura e de Memória (Museu de Campo Grande, Museu de Bangu, Museu Estúdio de Artes Cênicas - Bangu, Museu dos Transportes, Museu do Pontal e a Associação Vida Feliz - Guaratiba) que nasceram do encontro de historiadores, poetas, cenógrafos, artesãos e romancistas. São Centros Culturais dedicados à literatura, à música, à dança e ao teatro⁴. São experiências de Eco Museus que mobilizam preservação histórico-ecológica dos bairros e da região (com destaque para o Kaá-Atlântica em Bangu e o Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz). São espaços que preservam e ampliam a cultura brasileira nordestina, como o Museu Casa do Bumba Meu Boi e o Centro Cultural Raízes de Gericinó. Além do patrimônio histórico que testemunha os séculos de ocupação da região⁵, a exemplo de Igrejas (como a da Matriz São Salvador do Mundo – Guaratiba, fundada no século XVII), Pontes (a dos Jesuítas, de 1759), Solares, Sedes de Fazendas do período colonial com suas capelas, senzalas e cemitérios de escravos.

Bairro	Patrimônio histórico	Patrimônio e/ou Parque natural	Propriedade rural/ Horto e Haras	Centro cultural	Espaço museológico	Instituição de ensino e pesquisa	Unidade de produção e/ou comércio artesanal	Complexo esportivo
Campo Grande	15	4	5	7	3	2	2	1
Barra de Guaratiba	5	0	0	1	1	1	0	0
Pedra de Guaratiba	3	0	1	4	0	0	5	1
Guaratiba	4	2	9	0	1	3	1	0
Bangu	8	2	0	10	2	0	2	2
Santa Cruz	29	0	1	6	1	2	2	1
Total	64	8	16	28	8	8	12	5

Fonte: Observatório de Favelas / Secretaria Municipal de Cultura. do Rio de Janeiro.

Os lugares de práticas culturais inventariados são, em sua expressiva maioria, empreendimentos da própria sociedade civil organizada, respondendo ela própria pelas demandas de arte e de cultura da região. É bem verdade que investimentos governamentais chegaram até os bairros aqui em destaque, sobretudo por meio das Secretarias de Cultura do Município e do Estado, tais como a

Grandense (Santa Cruz). E, dada a sua importância como referência de produção e vivência de arte e cultura, podemos também destacar a GRES Unidos de Santa Cruz e a GRES Unidos de Bangu.

5. Alguns desses monumentos/documentos da história já se encontram em estado de ruína, exigindo do poder público e da sociedade civil uma mobilização de recursos para a recuperação e preservação da memória inscrita na paisagem regional, mas que pertence à história da cidade.

4. Com a licença das demais instituições, deve-se destacar: A Casa de Aya, Espaço Bagulho Doido, Núcleo Cultural Caixa de Surpresa (Bangu); Campo – Centro de Apoio ao Movimento Popular e Centro Cultural Victor Konder (Campo Grande), Casa Rua do Amor, Espaço Ser Cidadão e Sociedade Sul Rio.

criação e/ou financiamento de Lonas Culturais (Elza Osborne, em Campo Grande; Hermeto Pascoal, em Bangu e; Sandra de Sá, em Santa Cruz), de Teatros (o tradicional Teatro Artur Azevedo – Campo Grande, Teatro Mario Lago – Bangu) e as recentes Nave do Conhecimento e Cidade das Crianças (equipamento esportivo e de lazer) em Santa Cruz. Todavia, há ainda um imenso passivo de equipamentos públicos de cultura, arte e lazer nos bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, assim como na Zona Oeste como um todo⁶.

A realidade em tela só poderá ser superada com ações integradas de fomento, apoio e financiamento às instituições e aos espaços de cultura já criados pela sociedade civil. Trata-se, portanto, de uma política de reconhecimento e fortalecimento das experiências que se fazem presentes na região e que poderão, sem menor dúvida, consolidar e diversificar suas atividades e, principalmente, ampliar o papel público das organizações no campo da arte, da cultura e do patrimônio na cidade do Rio de Janeiro e da própria Região Metropolitana.

É importante destacar que muitos dos lugares inventariados se revelaram como abrigo de diferentes atividades artísticas e culturais gratuitas, geralmente dedicadas a encontros intergeracionais. Entretanto, a riqueza das realizações e a sincera dedicação de seus autores estão marcadas pela incerteza da multiplicação de seu trabalho e até mesmo sobre as possibilidades de sua continuidade. Muitas limitações impedem a consolidação de suas atividades culturais e artísticas: exigências de alvarás de funcionamento; licenças de uso; documentação incompleta da organização; aluguéis, impostos e despesas de manutenção de espaços; e até mesmo a dificuldade com repertórios formais para elaborar projetos e participar em editais públicos e privados de cultura. Tais limitações exigem uma política pública de cultura mais abrangente, sendo capaz de promover formas inovadoras de financiamento e gestão que mobilizem e ampliem às experiências e identidades de cada bairro e, sobretudo, priorizem as relações de proximidade com os autores em seus territórios de saberes e fazeres culturais.

TERCEIRA CARTOGRAFIA: AS POTÊNCIAS DA CULTURA PARA A SOCIEDADE URBANA

Identificamos atos significativos de experimentação e fruição cultural no recorte territorial que foi objeto do Projeto Culturas de Periferia, tendo como referência instituições e espaços culturais. Porém, é igualmente importante colocar em cena outras potências da cultura, sobretudo a dos grupos não instituídos em organizações formais. Para esta outra cartografia nos valem as informações dos projetos que participaram do recente Edital de Ações Locais da Secretaria Municipal de Cultura,

6. AÉ importante também ressaltar os dezessete Pontos de Cultura localizados na Zona Oeste, especialmente o Caixa de Surpresa (Bangu) e o Radar – Rede de Articulação e Dinamização da Arte (Campo Grande).



Andanças performance
teatral, 2016
Criação: Carla Felizardo
Intérprete: Mariana Maia
Espaço: Vivalace
Rio de Janeiro, RJ
2016



Andanças performance
teatral, 2016
Criação: Carla Felizardo
Intérprete: Mariana Maia
Espaço: Vivalace
Rio de Janeiro, RJ
2016

Andanças.

Sobre a ponte, o livro de
história, com todas as suas
orações, diz - Bem-me-quer!
Malmequer! Bem-me-quer!
Malmequer! Bem-me-quer!
Malmequer! E as palavras
voam pelo céu de um intenso
azul como garrafas de um
náufrago no mar sem fim.

Luiz
Mica



Andanças

Sobre a ponte, o livro de
história, com todas as suas
orações, diz - Bem-me-quer!
Malmequer! Bem-me-quer!
Malmequer! Bem-me-quer!
Malmequer! E as palavras
voam pelo céu de um intenso
azul como garrafas de um
náufrago no mar sem fim.

aliás, uma das ações mais ousadas e interessantes que deve ser tomado como referência para um programa de política pública de cultura do município:

São consideradas “ações locais” práticas, atividades e projetos continuados, que promovam impacto positivo nos territórios e comunidades em que são realizados. A definição é intencionalmente ampla, para que dê conta de uma gama de iniciativas de naturezas diversas, ampliando tanto quanto possível o escopo da iniciativa pública. Preferiu-se utilizar o termo “ação” pela sua força de ressaltar a presença de um gesto que já se efetiva (mais do que a projeção de um ideal a ser alcançado) e, ainda, por invocar uma tendência à hibridéz e à intersetorialidade verificada contemporaneamente nas artes e na cultura (BARON, 2016, p. 3).

Centenas projetos foram inscritos o aludido edital. Estes, por sua vez, oferecem uma leitura da pluralidade de atores e ações da cultura na cidade. Muitas estão inscritas nas escalas dos bairros, sobretudo em suas praças, ruas, esquinas, viadutos, paredes e muros. É possível identificar que há outra geografia da cultura acontecendo na cidade. Para apreciar brevemente este cenário, passaram para *fase de escuta* (onde os proponentes se apresentam para uma comissão de avaliação) sessenta projetos de autores da Zona Oeste. No caso dos bairros de Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba foram doze propostas de ações locais para fase escuta e sete contemplados. . Embora a quantidade sempre seja relevante, desejamos chamar atenção para qualidade das propostas, sobretudo da sua mobilização criativa de diferentes linguagens estéticas e sua *pegada* no território.

Quando observamos os projetos apresentados encontramos gente que faz teatro, dança, música e cineclube com crianças, idosos e pessoas com deficiência com repertório do funk, do hip-hop e das batalhas de break acontecendo nas praças e quadras esportivas. Grupos que retomam as tradições de música, de dança e da culinária da cultura nordestina para atualizá-la na realização de festas em comunidades populares. A força do axé revistada no maculele e na capoeira para celebrar a memória de resistência de quilombos e quilombolas. Gente que junta ecologia, saberes da tradição africana e turismo solidário. Saraus que envolvem poesia dos rappers e as oficinas de formação de DJ com mutirões para preservação ambiental e de disseminação de experiências de agroecologia no bairro. Bibliotecas comunitárias que promove o prazer da leitura em oficinas de contação de histórias e de artes plásticas que são destinadas à fruição cultural de crianças, adolescentes e adultos. Residência artística de dança e expressão corporal para mulheres em penitenciária localizada no bairro de Bangu. E, em plena praça, também se inventa um cineclube e se deseja festival de rock com basquete de rua. Rodas de poesia, batalhas de *mestres de cerimônias*, estilistas de skate e grafitti

fazendo de viadutos e esquinas lugar de compartilhamento de experimentações estéticas e debate político das condições de vida, segurança e moradia de seus bairros.

Enfim, apresentamos alguns exemplos de mobilização e criação de repertórios artísticos que se realizam em cenas de culturais compartilhadas. Eles demonstram a riqueza cultural de bairros estigmatizados e redefinem o seu lugar na experimentação estética urbana no contemporâneo. Não somente no sentido do diálogo entre linguagens estéticas como superação da setorização da cultura e, sobretudo, que valorize sua inserção como prática sensível de uso do território e de sua contribuição para criação de convivências sociais mais generosas. A cartografia ambulante de sujeitos criadores, repertórios criativos e práticas sensíveis vividas no território colocam em causa uma nova agenda de políticas de cultura que promova a expressão das diferenças, valorizem e reconheçam as potências criativas das periferias urbanas.

CONCLUSÃO

É sempre extremamente difícil identificar a escrita do acontecer plural da cultura, sobretudo quando operamos com recorte de um bairro específico, ou como é propósito deste artigo, um conjunto de bairros. É justamente nesta escala que os detalhes reclamam mais o seu aparecimento e os estudos precisam acompanhar os movimentos das territorialidades do acontecer da cultura se multiplicam sem cessar.

Trata-se, portanto, de um empenho dedicado à identificação da complexidade de processos e formas culturais e artísticas realizadas em iniciativas de extrema relevância no campo da música, das artes cênicas e visuais, da culinária e da estética corporal, envolvendo produtores e criadores locais. - de diferentes portes – presentes em organizações da sociedade civil, em grupos formais e informais, e atores individuais.

O projeto Culturas de Periferia se soma a este esforço de reconhecer a invenção prático-simbólica em curso nos bairros Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba. As cartografias das artes e culturas aqui desenhadas são demonstrativas da pluralidade de potências de criação e fruição estética que devem ser referências para continuidade, renovação e ampliação de políticas públicas, sobretudo as que preconizam o desenvolvimento situado do recorte espacial em estudo e, ao mesmo tempo, promovam a sua integração plena ao conjunto da cidade.

BIBLIOGRAFIA

BARTH, F. A análise da cultura em sociedades complexas. Contra Capa: Rio de Janeiro. 2000.

BARBOSA, J. L. e DIAS, C. G. (org). Solos Culturais. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro / Petrobras/ Observatório de Favelas, 2013.

BONNEMAISON, J. e CAMBRÉZY, L. Le lien territorial: entre frontières et identités. Géographies et Cultures n°20, Paris, L'Harmattan, 1986.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

SILVA, J. S. BARBOSA, J. L. FAUSTINI, M. V. O Novo Carioca. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

WILLIAMS, R. Cultura. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992



O MÉTODO DE ANÁLISE SWOT EM CULTURAS DE PERIFERIA

Monique Bezerra da Silva

Partindo da premissa de que a cultura “é produto do encontro de saberes e fazeres da diversidade dos modos de vida” (BARBOSA, 2013, p. 17), é possível dizer que a cultura se constrói dos movimentos relacionais entre os indivíduos, com a experiência de realização da vida, ressignificando os sentidos do ser-no-mundo. Portanto, temos uma “corporeidade da cultura”, que tem como característica essencial a diversidade e a pluralidade, exprimindo toda riqueza possível de desvendamento do que somos, onde estamos e como vivemos. Tal pluralidade promove possibilidades relacionais simbólicas e a presença de variadas conexões de sociabilidade. Porém, nos confrontamos com uma uniformização da vida cultural, que enfraquece a convivialidade e a inventividade nos modos relacionais.

Por outro lado, temos um cenário atual onde surgem as variáveis das novas demandas da produção cultural, sobretudo as de base comunitária, com premissas em outros valores. Com essa uniformização da vida cultural, os fazedores de cultura acabam buscando o empoderamento, potencializando suas ações para fomentar novas formas de desenvolvimento em seus territórios de morada, tendo como característica principal uma nova demanda por diálogos e encontros.

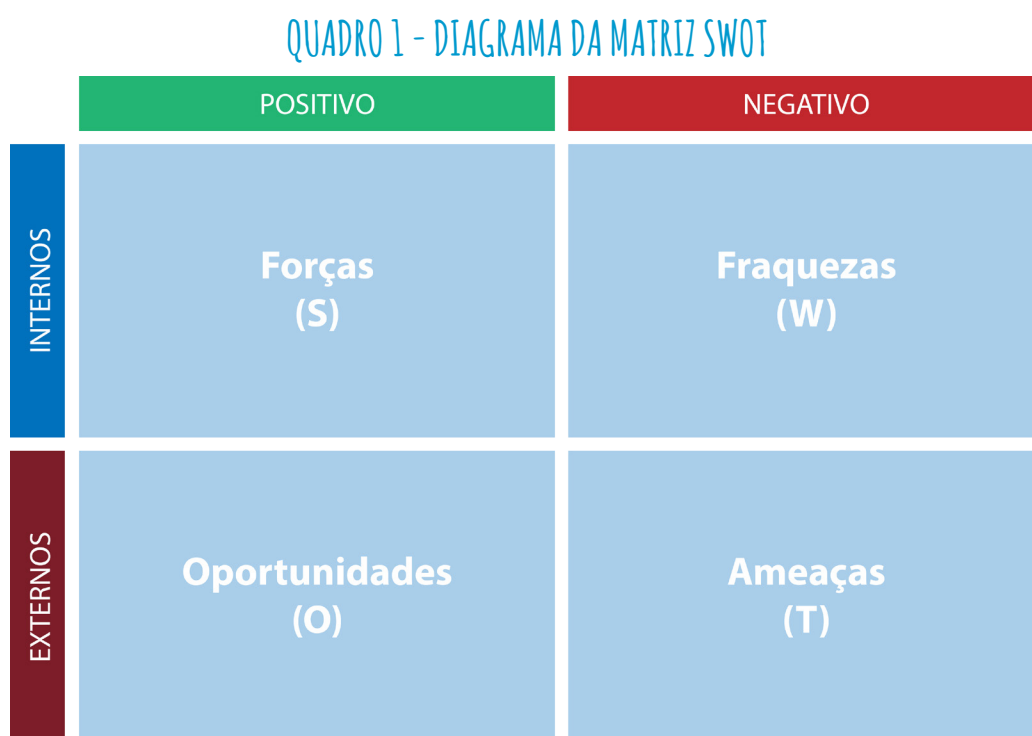
Com isso, um redesenho do fazer cultural na cidade se evidenciou, onde novas centralidades produziam outros circuitos e rotas, reformulando a cena cultura carioca. As “culturas de periferia” se projetam com força e potência nos últimos anos, com produções feitas pela periferia e na periferia. Nesse contexto, é possível afirmar que as “culturas de periferia” surgem tanto como uma possível alternativa econômica territorial, como também remodelam o mapa da cultura carioca, criando também uma nova alternativa para a cena turística e cultural de base comunitária.

Portanto, temos por objetivo analisar a situação atual e potencial da produção cultural no que se convencionou chamar de “culturas de periferia”. Para tal, teremos como premissas o estudo das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, através do uso da metodologia SWOT, por serem variáveis que incidem, de modo direto, na produção cultural periférica, analisando o cenário atual, como também apresentando estratégias para potencializar ainda mais suas ações.

O método de análise SWOT, ou matriz F.O.F.A¹, consiste numa metodologia utilizada para promover a análise de cenários, tendo como autores dois professores da Harvard Business School: Kennet Andrews e Roland Christense.

No que tange a presente pesquisa, esta técnica será utilizada como ferramenta para estabelecer estratégias para maximizar as potências e transpor os problemas, analisando os pontos fracos e fortes, as fraquezas e as oportunidades dessa nova variável da produção cultural.

A coleta das informações para compor a representação gráfica da matriz foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas com artistas e produtores culturais da Zona Oeste, que participaram do projeto “Culturas de Periferia”. Entendemos que o uso dessa metodologia pode ser uma ferramenta inicial para a gestão e o monitoramento da produção cultural em territórios específicos. A seguir, apresentamos o diagrama da matriz SWOT:



A matriz será aqui apresentada como uma análise do cenário em questão, se dividindo em: ambiente interno, onde serão listadas as forças e fraquezas e ambiente externo, apresentando as oportunidades e ameaças. A análise do ambiente interno determina o cenário atual e como as forças e as fraquezas se relacionam. Em relação aos fatores externos, é possível classificar que as oportunidades e ameaças mostram uma previsão do que está por vir.

¹. O nome é um acrônimo para Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças. Também conhecida como análise F.O.F.A. ou análise F.F.O.A, a matriz deriva da análise SWOT (Strenghts, Weaknesses, Opportunities e Threats). Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/use-a-matriz-fofa-para-corrigir-deficiencias-e-melhorar-a-empresa,9cd2798be83ea410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 20/01/2017.

QUADRO 2 - AMBIENTE INTERNO: FORÇAS

FORÇAS

Grande número de agentes culturais

Grande celeiro de artistas

Forte sentido de pertencimento

Público que interage e responde bem ao trabalho

Uso da internet como principal ferramenta de trabalho

Diversidade de práticas culturais

Território rico em patrimônio cultural e atrativos naturais

QUADRO 3 - AMBIENTE EXTERNO: OPORTUNIDADES

OPORTUNIDADES

Extensão territorial

Variedade de espaços públicos

Equipamentos culturais com potenciais a serem explorados

Uso das residências para a realização de práticas culturais

Uso criativo dos espaços públicos

Surgimento de uma nova economia de iniciativas locais

Empoderamento de atores locais

Descentralização do fomento à cultura municipal, com enfoque nas periferias

QUADRO 4 - AMBIENTE INTERNO: FRAQUEZAS

FRAQUEZAS

Fragilidades em relação à formação técnica

Baixo incentivo ao turismo de base comunitária e cultural

População com baixa renda e escolaridade

Pouco envolvimento e investimento por parte de empresas locais culturais

Crescimento urbano desordenado

Altos índices de violência

Falhas e ausências na divulgação das atividades

Equipamentos culturais sem posicionamento estratégico para melhorias

Espaços públicos abandonados, tais como praças e monumentos

Ações restritas aos limites do bairro/comunidade

Ações culturais muito pulverizadas e herméticas

Dificuldade de acesso à informação

Problemas com mobilidade urbana

QUADRO 5 - AMBIENTE EXTERNO: AMEAÇAS

AMEAÇAS

Dificuldade para captação de recursos

Falta de referência consistente em produção cultural

Tendência à desvalorização de projetos regionais

Ausência de profissionais capacitados a atender as novas demandas técnicas do setor

Ausência de planejamento e gestão estratégica

Descaso por parte do poder público

Problemas em relação ao saneamento básico e gestão de resíduos sólidos

Questões sociais relacionadas à violência, desemprego, moradores de rua e usuários de drogas

Ocupação desordenada

Ausência de investimento em infraestrutura no território

Com base nos itens listados acima, estruturamos aqui a Matriz SWOT através do cruzamento das variáveis (força x oportunidades, fraquezas x ameaças):

	POSITIVO	NEGATIVO
INTERNOS	<p>Forças (S)</p> <ul style="list-style-type: none"> Grande número de agentes culturais Grande celeiro de artistas Forte sentido de pertencimento Público que interage e responde bem ao trabalho Uso da internet como principal ferramenta de trabalho Diversidade de práticas culturais Território rico em patrimônio cultural e atrativos naturais 	<p>Fraquezas (W)</p> <ul style="list-style-type: none"> Fragilidades em relação à formação técnica Baixo incentivo ao turismo de base comunitária e cultural População com baixa renda e escolaridade Pouco envolvimento e investimento por parte de empresas locais culturais Crescimento urbano desordenado Altos índices de violência Falhas e ausências na divulgação das atividades Equipamentos culturais sem posicionamento estratégico para melhorias Espaços públicos abandonados, tais como praças e monumentos Ações restritas aos limites do bairro/comunidade Ações culturais muito pulverizadas e herméticas Dificuldade de acesso à informação Problemas com mobilidade urbana
EXTERNOS	<p>Oportunidades (O)</p> <ul style="list-style-type: none"> Extensão territorial Variedade de espaços públicos Equipamentos culturais com potenciais a serem explorados Uso das residências para a realização de práticas culturais Uso criativo dos espaços públicos Surgimento de uma nova economia de iniciativas locais Empoderamento de atores locais Descentralização do fomento à cultura municipal, com enfoque nas periferias 	<p>Ameaças (T)</p> <ul style="list-style-type: none"> Dificuldade para captação de recursos Falta de referência consistente em produção cultural Tendência à desvalorização de projetos regionais Ausência de profissionais capacitados a atender as novas demandas técnicas do setor Ausência de planejamento e gestão estratégica Descaso por parte do poder público Problemas em relação ao saneamento básico e gestão de resíduos sólidos Questões sociais relacionadas à violência, desemprego, moradores de rua e usuários de drogas Ocupação desordenada Ausência de investimento em infraestrutura no território

Com base no exposto, estabelecemos estratégias para maximizar potências e transpor os problemas:

- Estabelecer uma integração entre secretarias municipais, sobretudo nas áreas da cultura, transporte, saneamento básico, ordem pública, meio ambiente e segurança pública, criando ações que visem potencializar a produção cultural, o turismo e o desenvolvimento uma nova economia de iniciativas locais.
- Demandar sinalização.
- Promover formação específica para o estímulo ao empreendedorismo voltado para a economia criativa.
- Promover um diagnóstico sobre a produção cultural local, sistematizar as informações e gerar um banco de dados com informações pertinentes ao segmento.
- Implementar fóruns propositivos para integrar os produtores culturais, o poder público e a iniciativa privada, envolvendo a população no pro.
- Promover a reestruturação de bens públicos, tais como praças, parques, clubes e monumentos.

REFERÊNCIAS

BEZERRA DA SILVA, M. Política Cultural Situada: Uma leitura crítica de programas culturais em São Paulo e Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2016.

BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves. Solos culturais. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BONNEMAISON, J. e CAMBRÉZY, L. Le lien territorial: entre frontières et identités. Géographies et Cultures nº20, Paris, L'Harmattan, 1986.

BARON, Lia. A territorialização das Políticas Públicas de Cultura no Rio de Janeiro. Revista Z Cultural. Disponível em <https://goo.gl/bEKOKu> Acesso em: 12/01/2017.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GALVÃO, Nathallye de Sousa Dantas; DE SOUSA MELO, Rodrigo. O método de análise SWOT como ferramenta para promover o diagnóstico turístico de um local: o caso do município de Itabaiana (PB). Caderno virtual de turismo, v. 8, n. 1, 2008.

KAMEL, José Augusto Nogueira. SOUZA, Felipe Seixas. Laboratório de Engenharia do Entretenimento da UFRJ: o ontem, o amanhã, o hoje. REDIGE: Revista de Inovação, Design e Gestão Estratégica. Disponível em: <http://www2.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/viewFile/214/238>. Acesso em 20/01/2017.



SKAMBAL – TROCAS CULTURAIS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA COMO FORMA DE FOMENTAR A ECONOMIA CRIATIVA LOCAL

Monique Bezerra da Silva

O evento Skambal – Trocas Culturais teve como proposta construir um lugar para reunir coletivos multiculturais da Zona Oeste do Rio de Janeiro em um mesmo espaço público. Como proposta da intervenção do projeto e trabalho de conclusão dos cursistas, o Skambal – nome dados pelos alunos, que remete à gíria antiga “escambau”¹ e a palavra escambo, ou seja, traduzimos aqui como ‘um lugar que reúna trocas culturais e mais um monte de coisas’.

A intervenção objetivou promover visibilidade para artistas da Zona Oeste, além de uma “troca cultural” entre eles e a população local, através da construção de um espaço de convivências, interações e criação compartilhada entre os diversos sujeitos da Zona Oeste carioca. O uso do espaço público como palco da intervenção foi estratégico, onde se evidenciou a articulação entre esses grupos culturais e sua respectiva visibilidade para a população. Essa, por sua vez, geralmente desconhece as suas ações.

O processo formativo do Projeto Culturas de Periferia foi realizado na Associação Ser Cidadão, em Santa Cruz, num casarão construído em 1917, onde era a antiga residência do senador Júlio Cesário de Melo, um patrimônio do bairro.



Associação Ser Cidadão. Foto: Divulgação.

1. Segundo o dicionário Priberam: 1. [Brasil, Informal] Conjunto alargado de coisas, mencionadas ou para além das mencionadas. [Usado sobretudo nas locuções o escambau, o escambau a quatro e ser o escambau.] “escambau”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/escambau> [consultado em 16-01-2017].

Bem em frente ao casarão da sede do Ser Cidadão, havia uma praça a chamar a atenção dos cursistas que frequentavam aquele espaço aos sábados pela manhã, durante o verão do ano de 2015: a Praça Dom Romualdo, situada nas proximidades da Igreja Matriz da Paróquia de Santa Cruz e a 19ª Administração Regional do bairro. Nela, se encontra uma relíquia do Império em Santa Cruz, a Fonte Wallace.



Praça Dom Romualdo, Fonte Wallace. Foto: Monique Bezerra da Silva

A partir do século XIX, Santa Cruz foi tornada propriedade e residência rural da nobreza monárquica, a Fazenda Real. Presume-se, então, que tenha sido este o motivo pelo qual foi instalada a Fonte Wallace, pois era o ponto de abastecimento de água potável para os moradores da região. A Fonte Wallace de Santa Cruz é atualmente considerada como um atrativo turístico local. Porém, em termos práticos, não é bem isso que ocorre no cotidiano dos moradores e frequentadores do bairro. A praça passou a ser considerada como um local perigoso, com assaltos frequentes, além de ser habitada por moradores de rua e usuário de drogas, sendo pouco usada como um local de encontro e /ou lazer.

De acordo com o cenário em tela, os cursistas decidiram ocupar culturalmente a praça., com o objetivo de contribuir para superação dos estigmas e torna-lo um espaço verdadeiramente público. Daí surgiu a ideia de promover o Skambal – Trocas Culturais. Muitos desafios descortinaram a partir de então, sobretudo no que concerne ao fazer coletivo de uma ação cultural. Fazer a produção da intervenção proposta seria um grande desafio para a equipe de formandos. Promover o inédito e inovador era, principalmente, romper paradigmas e sair da zona de conforto estabelecida. A estrutura analítica do projeto foi construída coletivamente, os pacotes de trabalho foram definidos

com seus respectivos responsáveis para o cumprimento das atividades em questão. Tudo de acordo com o que foi aprendido na formação. Porém, na hora da transição da teoria para a prática, houve desistências por parte de alunos. Alguns, por serem universitários e se verem com múltiplos afazeres para também dar conta da produção de um evento ousado como esse. Outros, por perceberem a complexidade que envolve a produção de um evento em um espaço público, com suas específicas burocracias, optaram por não dar um passo maior para a aquisição de conhecimento prático e técnico em produção.

Muitas idas e vindas, reuniões de produção quase que diárias, por meio de videoconferência, além da comunicação quase que *full time* por chat em grupo, via *WhatsApp*. Assim a turma colocou a *mão na massa* e transformou a ideia em projeto. E foi além, transformou o desafio em oportunidade, o sonho em realidade.



Feira do Skambal



Mini palco para atividades teatrais



Quadra e local para exposição



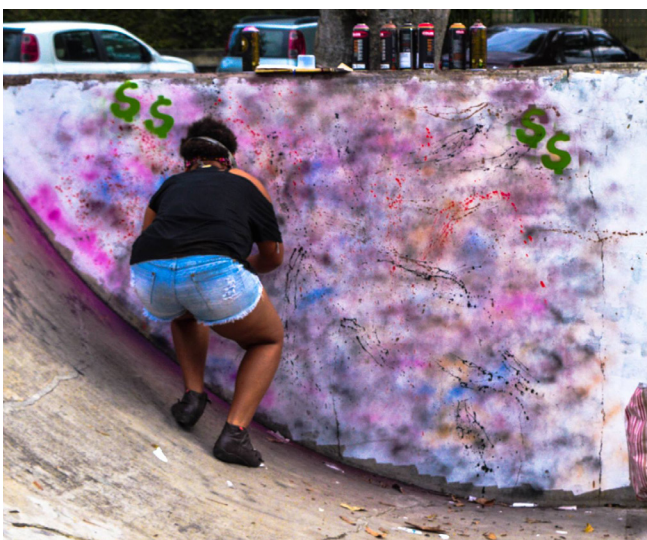
Montagem de fotos realizada pelos alunos após visita técnica ao local

O Skambal – Trocas Culturais, foi realizado no dia 14 de maio. Com entrada franca, reuniu música, coletivos, expositores de arte e gastronomia. A programação contou com a participação dos artistas locais selecionados, sendo as bandas: Guaratibanda, Grupo Desacato, Riko Viana e a Clinamênica Banda de Lá, Luiz Guima e Banda, Soldado Parabólico, Mc Xamã e Mc Estudante e os coletivos: Palhaçadaria, WG - Cultura na Cesta, Piloto Amarelo, Chão de Barro - Sandro Vox, Tramas Contemporâneas, Movimente - dança, Afrografiteiras, Tear - Pintura corporal, Nosso Ritmo - dança e Trupe In Via, além de mais de vinte barracas com expositores de arte e gastronomia, todos oriundos de diferentes bairros da Zona Oeste.



Foto: Agência Diálogos

“ É fundamental que toda a classe artística, de educadores e porque não os empreendedores, tenham um espaço onde possam se conhecer, compartilhar e expor suas ideias, seus trabalhos e seus anseios dentro da sua comunidade. O multiculturalismo existe nas periferias e subúrbios como forma de resistência e o nosso dever como produtores culturais é disseminar isso para todos, viabilizando a comunhão entre o público e as ações culturais independentes. (Anny Caroline de Paula, cursista e artista local)



“ Eu fico muito feliz por fazer parte de eventos como esse, parte desse grupo tão rico em diversidade. É gratificante saber que podemos contribuir com a cultura do país, levar um pouco de nós através da nossa arte para o público que nos assiste. O povo precisa de mais espaços como esse. Nós artistas precisamos de mais espaços como esse. Para que cada vez mais deixe de haver essa distância entre público e artista. Para que cada vez mais um grupo permeie o outro, até que não se possa mais diferenciar artista de público. Seja tudo uma coisa só.

(Carlos Cruz, Músico)



“ Existem muitos problemas sobre acesso à cultura no mundo todo, e quanto mais para periferia você vai, maior o problema, falando sobre o Rio de Janeiro e todos os problemas que a gente vive aqui. Eu vi o Skambal como um ato de resistência, um evento onde a gente possa resistir.

(Adonis Muniz, morador da Zona Oeste).

“ Houve uma grande surpresa em relação aos fornecedores do evento. Há uma grande vontade de estabelecer parcerias e de agradar os clientes e assim crescer e evoluir na região. Os fornecedores têm um grande interesse em que ações culturais sejam decorrentes não apenas para terem demanda de trabalho, mas por acreditarem e buscarem melhorias para região. Apesar de poucas opções de fornecedores na região, a facilidade de negociação e de atendimento foi bastante satisfatória.

(Helena Domar, produtora executiva).



REFERÊNCIAS

Conjunto de fontes compõe o cenário carioca desde o século XIX. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/design-rio/conjunto-de-fontes-compoe-cenario-carioca-desde-seculo-xix-15727869#ixzz4VtJWTKi>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

Skambal e o Multiculturalismo na Zona Oeste. Disponível em: <http://www.obatuque.com/index.php/entrevistas/itemlist/user/409-2016-01-04-23-40-56?start=260>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.



CULTURAS DE PERIFERIA A VISÃO DOS ALUNOS

Leonardo B. de Oliveira ¹

Marco Antônio de Souza ²

Reis, J. ³

Samir S. Santos ⁴

Sarah Mirailh ⁵

A cultura sempre foi um assunto controverso. Conceitualmente a maioria apoia sua existência e manutenção, ainda que quando tal questão entre em seu âmbito econômico as opiniões se dividiam. Se trouxermos ao debate sua multiplicidade e atuação além dos eixos hegemônicos a discussão assume novas formas, muitas vezes esquecidas. Quando olhamos de fora para dentro temos a compreensão de que o sentido de território é muito forte e o artista de periferia é um feroz defensor da sua arte, ainda que esse ainda seja um campo pouco incentivado.

Visando fomentar tal setor foi proposto um curso de formação de produtores, assim como um meio de juntar atores sociais, que independente da área de atuação estarão unidos pelo desejo comum de fomentar arte e cultura nos bairros mais a oeste da cidade, à margem do centro pulsante da cidade maravilhosa.

Fazendo uso de uma metodologia diferenciada no conviver coletivo, onde os diálogos circulavam em sua pluralidade sem nenhuma distinção, o Observatório de Favelas consegue cumprir um oceano de conhecimentos compartilhados, ora dos profissionais convidados, ora dos fazedores culturais, cada um com um mundo novo de possibilidades de colaboração.

Foram aulas descontraídas e imersivas, unindo propósitos e ideais, onde passamos por teorias e exemplos práticos sobre leis de incentivo a cultura, meios de produção, formas de divulgação e mobilização de fora para dentro, de dentro para dentro e de dentro para fora, fazendo surgir com vigor o engajamento de muitos, reunindo e fazendo nascer o produtor em cada um que compôs o espaço de aulas e debate.

1. Produtor cultural, aluno do curso Cultura de Periferias 2.

2. Produtor cultural, gestor de captação de recursos, aluno do curso Cultura de Periferias 2.

3. Aluna do curso Cultura de Periferias 2.

4. Graduando em licenciatura em dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), gerente de projetos da JP MOVE – Cia de Dança, aluno do curso Cultura de Periferias 2.

5. Produtora cultural, doutoranda em Artes e Humanidades, com menção em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (Argentina), coordenadora pedagógica do curso Culturas de Periferia 2.

Por conta desta imersão, diante do contato entre os participantes, espontaneamente eram realizados encontros fora daquele espaço proposto de aula, que nunca foram de pura teoria e sim como uma residência artística, pronta para receber as vivências de seus autores, estimular os agentes e toda interatividade que a troca de conhecimento pode gerar. Em poucas semanas pessoas que nunca se conheceram perceberam o quão próxima estão umas das outras por terem um ideal em comum: levar mais alegria, cultura e gerar uma economia de forma criativa e aparente em toda forma de se expressar.

A iniciativa de se ter um programa de fomento voltado para a Educação desta faixa etária, principalmente de periferias, revela uma preocupação basilar, ou seja, uma tentativa de erradicar as causas primárias dos conflitos sociais. Ferramentas como seminário, fórum, congresso, colóquio, que envolvam a participação da sociedade, trazem à tona debates de como democratizar este território e seus atores, através de espaços colaborativos e este projeto introduz vários elementos no sistema individual de cada aluno, de cada ator, fornecendo matéria prima para que o educando torne-se um ser autônomo.



Recebemos como proposta de formação o convite do Observatório de Favelas para atuarmos no evento de conclusão do seminário Culturas de Periferia I, onde realizamos diferentes atividades, da produção executiva à realização de atividades artísticas onde, apesar dos contratempos já previstos em toda produção, foi possível realizar um evento de significado e possibilidade multiplicadora.

Esta turma de agentes e produtores, percebendo seus próprios anseios, organizaram junto aos próprios palestrantes um seminário onde foi possível expor a forma de produção e fomento

cultural na cidade, a ligação política das ações, os benefícios e melindres dos editais de fomento. Um verdadeiro encontro entre gestores, atores e produtores que, vivenciando a mesma realidade, desejam estimular novas e readaptar antigas formas de produção da cultura, onde não se vê a periferia sempre a margem, tratando-a de forma profissional e séria, ainda que tenha sua economia muitas vezes subjugada às ações culturais diretas.



O Mercado cultural sempre está numa corda bamba na qual patrocínio, leis de incentivo e editais mudam a todo o momento, fazendo que o/a produtor(a) e gestor(a) trabalhe cada vez mais com menos e aprenda a se relacionar cada vez mais com os pares artistas, criando assim conexões. O/A produtor(a) que possui mais parceiros se sai melhor no mercado, podendo até afirmar que nos dias atuais uma boa gama de parceiros equivale tanto ou mais que um edital aprovado. Enxergamos isso no decorrer da organização e

montagem do evento final do projeto Culturas de Periferia I, cuja elaboração e criação gerou força nos contatos entre os atores regionais do projeto posterior Culturas de Periferia II, deixando clara a conexão e o engajamento dos envolvidos. O ser humano é falho, mas é no exercício do convívio entres os diferentes que se aprimora o conhecimento e enriquece a sua cultura.

Ter a oportunidade de organizar um evento abordando a temática da economia criativa, os desafios da gestão de cultura, ação de cultura, ações de cultura em diálogo com território e gestão de empreendimento nos traz um duplo aprendizado: absorvemos os conhecimentos teóricos através das falas de convidados de referência no ambiente cultural, como Jorge Barbosa, André Diniz, Francisco Jorge e Sandra Helena e a vivência prática através da realização de um evento real.



A experiência do seminário nos remeteu à Teoria Construtivista de Jean Piaget, que vê no professor um facilitador, um espectador do desenvolvimento e favorecedor dos processos de descobrimento. Assim nos sentimos quando, ainda que meio atabalhados, fomos assumindo funções, decisões, operacionalizações e nos empoderando através de nossas próprias descobertas. O seminário foi uma das experiências mais marcantes porque foi a oportunidade de testar algo inédito para a maioria do grupo que se voluntariou. A pré-produção e a produção em si fez descortinar um mundo de possibilidades.

É possível perceber que o sucesso dos planejamentos e a harmonia da equipe tem como apoio o diálogo aberto. Ele se faz presente e transita não só nas resoluções finais, mas como também no decorrer de todo o processo de pré e pós-produção.

Agradecemos imensamente ao Observatório de Favelas, em especial toda a Coordenação do projeto Culturas de Periferia, pelo convite em escrever este texto, as pessoas que compartilharam a escrita deste são muito caras e levaremos uns aos outros para nossas vidas artísticas. Contribuir de alguma forma no contexto atual da arte no nosso município nos deixa plenos.

FICHA TÉCNICA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Secretária

Nilcemar Nogueira

Chefe de Gabinete

Eloi Ferreira Araújo

Subsecretário de Cultura

André Marini

Subsecretário de Gestão

Carlos Corrêa

Subsecretária de Identidade Cultural

Lília Fernanda Gutman Tosta Paranhos Langhi

RioFilme Diretor-Presidente

Marco Aurélio Marcondes

Planetário

Presidente Nelson Furtado

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

Diretoria

Elionalva Sousa

Eduardo Alves

Jailson de Souza e Silva

Jorge Luiz Barbosa

Raquel Willadino

CULTURAS DE PERIFERIA

Coordenação Geral

Jorge Luiz Barbosa

Coordenação Executiva

Monique Bezerra da Silva

Coordenação Pedagógica

Michelle Ramos

Articulação Territorial

Marcelle Bezerra

Entrevistas

Alex Armenio

Bolsista

Denise Portela

Identidade Visual

Eduardo Vilar | Agência Abacateiro

Site/Applicativo

Nomeio Digital

Produção Executiva – Skambal

Helena Domar

Produção Executiva – Seminário Economia Criativa

Leonardo Oliveira

Jo Reis

Marco Antonio de Souza

Samir Reis

Logística

RTB Soluções

Assessoria de Imprensa

Patuá Comunicação

Apoio Institucional

LTDS – Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social da Coppe/UFRJ

FIJ – Faculdades Integradas de Jacarepaguá



**OBSERVATÓRIO
DE FAVELAS**